



Galicato



Visado pela
Comissão de Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO VI—N.º 152
PREÇO 1\$00

DOCTRINA

O conhecimento da nossa Obra por tal modo escaudou os residentes da Província de Moçambique, que temos recebido um mundo de cheques e de notas e de cartas com palavras quentes, amorosas e compadecidas pela sorte dos rapazes abandonados. Nota-se uma grande compreensão. Cada carta é uma definição da Obra da Rua. Dir-se-ia que os portugueses do Ultramar, são mais portugueses do que os do continente! E' de Lourenço Marques; é da Beira; é de Quelimane; é da Ilha de Moçambique; é de Nampula. Promovem-se sessões públicas. Organizam-se festas. Andam subscrições. A Imprensa coopera. Se tanto se diz e sente por terem visto na tela a imagem da nossa Obra, que não dizer e sentir os que nos visitam?! Os que nos conhecem de perto; os que choram de alegria, por saberem hoje limpos os antigos sujos das ruas. Que não de eles dizer?!
Tomemos nós uma lição do alvoroço causado no povo daquelas cidades e meditemos na força e na suavidade do Evangelho. Qualquer outra doutrina social é capaz de agitar e tem agitado; só o Evangelho comove. Nós não temos necessidade de doutrinas novas para sossegar o mundo; antes, com a doutrina velha, levantemos um mundo novo. A doutrina do Sinai. A doutrina do Sermão da Montanha. A doutrina dos Papas. A Obra da Rua é totalmente inspirada e realizada nestes ensinamentos. Nós somos uma coisa nova, fundada numa verdade eterna.

A maior vitória da nossa Obra é dar aos rapazes os meios de se conhecerem e de se determinarem. Nenhum deles está ligado a preceitos ou regulamentos. Nenhum deles teme. Todos procuram amar. O Mestre assim fez e ensinou. A nossa vida cotidiana, é um pleno e simples desabrochar de almas, como as flores ao calor do sol. Não é poesia. Não é retórica. Não são frases. O Evangelho não as tem. Tampouco nós as podemos ter. O caso que vou contar em confirmação, vai projectar luz e levar muitas almas a dar glória a Deus.—Era um domingo. A nossa missa dominical é a maior festa da aldeia pelo brilho do altar, e muito principalmente, porque cada rapaz está devidamente instruído e é um actor de presença. No fim, é costume haver uma reunião dos maiores. Junta-mo-nos à roda de uma mesa no salão principal. Cada um apresenta os casos da semana e são ali comentados e remediados. Eu sei por eles do andamento das obrigações de todos e de cada um em particular e torna-se necessário que seja justamente por eles que eu o saiba; obra de rapazes, para rapazes, pelos rapazes. Naquele dia, houve dois pequenos chefes que se adiantaram para reclamar. Eles podem reclamar. Podem dizer. Muito tenho aprendido por lhes conce-

der a palavra, sempre que racionalmente ma pedem. Tenho aprendido deles. E' um erro supôr alguém que sabe tudo. Eles queixavam-se em seu próprio nome e no de alguns outros rapazes, de um certo, que trabalha pouco. «Nós andamos todos de manhã à noite ocupados nas nossas obrigações e fulano anda muitas vezes sem fazer nada». Foi por estas palavras que eles vieram lavar o seu protesto na minha presença, em uma reunião oficial dos maiores. Eu escutei. Era verdade. Por muitas vezes eu me tinha já abeirado do faltoso, particularmente; e várias outras, tem ele vindo ao tribunal, responder pela fraca deligência e pouco aproveitamento na sua obrigação. Ele é nosso há mais de 5 anos; tem hoje a passar dos dezoito. Acabada que foi a sessão, eu saí de onde estava e procurei o acusado. Andava no campo de jogos. Era domingo. Tomei-o por um braço, como bom amigo, e convidei-o a dar uma volta na avenida principal. Passavam carros de visitantes. Outros caminhavam a pé. Nós, muito juntinhos, conversávamos. Eu era ali pai e juiz. Tinha-se levantado na aldeia uma voz de justiça.

Convidei-o meigamente a ir ter com sua mãe. O rapaz escuta de olhos marejados. Suspira fundo. Um grupo de creanças, filhos de visitantes, param à nossa beira. Não era ocasião de falar a ninguém de fóra. Nisto, oiço uma palavra triste:—eu não tenho mãe. Era ele. Era o prestes a ir-se para sua mãe, que me dizia não a ter. Eu não tenho mãe. Tem. Ele tem mãe, mas é como se não fóra. Que ninguém lhe atire pedras. Nós não podemos atribuir culpas a quem parece tê-las. De uma vez, em Coimbra, eu era visita assídua de um doente, cuja mãe se embriagava todos os dias. Muitas vezes limpei o doente pela mãe não ser capaz. Um dia, encontrei um homem estranho aninhado aos pés do catre, quasi desfalecido. Perguntei quem era. E' o meu pai, diz o doente. Tinha trocado por outras, a sua mulher legítima! Esta sentiu-se, afligiuse, naquele tempo, e para tentar esquecer-se, bebe. Bebe aguardente. Aguardente e figos, era o seu remédio amargo! Eu sou testemunha. Mas foi nobre até fim.

Aceitou em sua casa o moribundo, e fechou os olhos do que lhe fóra infiel. Eu sou testemunha. Que ninguém atire pedras aos que parecem culpados.

Mas continuemos. Depois de ter escutado a objecção do rapaz quanto à sua mãe, lembrei que talvez os senhores que pediram para ele vir para nós, pudessem agora tomar conta dele. Mais lágrimas. Mais soluços. Tinha-se ouvido a sineta do refeitório. Os companheiros trepavam em chusmas os degraus das escadas; degraus que tanta e tantas vezes

UM DONATIVO

Começou no ano de 1945, véspera de Natal. Li 50 escudos no talão do Banco e só muito depois é que dei fé de 50 contos. Eram 50 contos!

Foi assim naquele ano. Tem sido assim todos os anos. Neste, deu-se uma pequenina modalidade; em vez de ter sido feito o depósito na véspera de Natal, como sempre, foi no dia 7 de Dezembro. Sete de Dezembro. Mais pressa. Mais ansiedade. Mais corridas por amor!

Cinquenta contos sem a mínima notícia e isto repete-se todos os anos no Banco Espírito Santo! Que simplicidade prodigiosa da mão que sabe esconder-se! A coragem do silêncio! O Evangelho é dos que a si mesmo fazem violencia. O Mundo, esse gosta do nome estampado. Ama a vulgaridade. Deleita-se no cartaz. Já recebeu a sua recompensa...!

P. S.—Depois de haver redigido, fui por aí abaixo até ao Banco, indagar. O Gerente, quis mandar vir ao seu escritório o tesoureiro mais um outro empregado, que atendera o Desconhecido. Porém nada adiantei. Fiquei a saber tanto agora como antes sabia e aos senhores leitores acontece na mesma. Eis os sinais: Um senhor modesto, à volta dos cinquenta. Não se adianta; espera vez. Pede um modelo de depósitos e pede que lho preencham. Não assina. Entrega 50 notas de conto e vai-se embora. Feliz. Feliz. Feliz.

este tinha trepado...! Iam-lhe fugir as horas felizes!

De novo a sua voz magoada se fez ouvir: *deixe-me cá ficar, que eu vou ser melhor. Perdoe-me. Eu escutei.* Eram momentos de fel. Eu não lhe podia perdoar e assim lho declarei. *Os teus companheiros é que te acusam, disse-lhe eu. Esta Obra não é minha, tornei eu a dizer. Esta Obra é vossa. Eles têm razão. Não te posso perdoar. Coisa dura é o fazer justiça! Nisto chega ao pé de nós um dos refeiteiros, avisando de que está o caldo na mesa e todos nos esperam. Ele não sabia; ninguém em casa suspeitava da hora que nos consumia, por isso mesmo insiste para que fosse-mos jantar. Mandeio o mensageiro à frente e nós ambos, sempre muito juntinho, seguimos. O faltoso ia tomar mais uma refeição; subir mais uma vez os degraus do refeitório. Já pertinho e quasi no barulho dos 180 à mesa, de novo oiço a voz do acusado: *faça um tribunal e peça a todos os rapazes que me perdoem.* Era*

Continua na 4.ª página



Tal como antes, também hoje eles brincam nas ruas da aldeia.—Mas não são da rua. Estão no que é deles.

UM CASO

Foi antes do meio dia. Eu quis saber se ela já tinha recebido uma arrôba de farinha que havia de ser entregue; trata-se da pessoa de quem já aqui se falou e à qual eu quis dar as primicias do milho que nos ofereceram.

Era ela. A palavra safa-lhe dos lábios num misto de alegria e de dificuldade. O trivial, por vezes, é muito difícil de definir. Nada mais à mão do que farinha; eu apenas lhe perguntava se ela a tinha recebido. Nada mais difícil do que sentir a fome dela; ela tem-na sentido. Daqui vinha aquele misto de alegria e de dificuldade. Sim senhor; tinha recebido farinha. Agora, mais senhora de si, explica largamente de como foram os momentos em que vira o Maximiano entrar pela porta dentro.

Eu ia pró moitinho naquela maré pedir ó moleiro um sermil de farinha. E depois de assim falar e de me ter dito há quantos dias não comia pão e da alegria que sentiu ao ver o rapaz com a saca, ouço-lhe uma afirmação: foi o *Senhor que o mandou.* Qualquer um mal avisado, poderia tomar aquele senhor como dirigido a si, mas nem eu o tomei nem ela mo dava a mim. Os pobres têm a intuição do Divino. A fé desta classe de pobres, não tem sombras nem conhece dúvidas. Eu conheço pessoalmente este de quem hoje falo. Tenho entrado vezes sem número em sua morada. Tenho apalpado a sua grande penúria. Ora é impossível que não viva unicamente do amor de Deus, quem não tem mais nada de que viver. Não fui eu. Tão pouco o rapaz que levava o saco às costas. Ela ia justamente pedir uma maquia de farinha e topa o Senhor. Vê o Senhor. *Dominus est!*

Muitos chamam a isto um mero acaso. Eu cá digo que não. É um caso.

anto re-
o embo-
duissim.
ue nin-
r a vida.

la para
m tudo
a; tudo
ue não.
semana.
do dia
missal
elas ace-
menos
e o dia
para o

Chamej
isca. O

do forno
ximiano
rugada.
do for-
o resto

nda

regadas
artem as
sado foi
porque
tona nas
pelo ano
S, e que
este ano.

aiato de
rvo é a
primeira
as Casas
obre de
Natal e a
a roupa
Menino
a vem o
heios de
que nós
mandar
do Gaia-

ram dois
e foram
ila Nova,
que às
para a
ender o
veio cá
seguinte.
era um
ir embo-
inhas. O
lisse para
o para a
isa para
ssava da
r aos que

je 4 ove-
para vir
São as
ovo rebá-
que nós
entes do
r falta de
sem mor-

mudar a
a água,
não dava
o tivemos
te e tudo
e ontem
enhuma.
onte pró-
rinta cons-
como a
jar com
vestir e
as. Aju-

utónio Gil

OUTRA VEZ LISBOA NOTA DA QUINZENA

Há um rôr de anos venho fazendo para ali caminho. É o centro. Ali estão os Senhores da faca e do queijo. O assunto principal, foi retirar da alfândega as malas que trouxemos do Brasil. Levou tempo, mas temos tudo em casa. Direitos não; foi tudo isento. Agora o porte do caminho de ferro é que foi por aí fora! — à beira de 800\$00 escudos!! O remédio foi pagar. A linha é dupla, mas o dono é um só e é ele quem faz as contas.

Mas também tratei de outros casos pendentes, uma vez que ali tinha de ir. Estive no Ministério das Colónias. Estive no Ministério do Interior. Estive no Ministério da Economia. Zé Eduardo, que fôra comigo ao Brasil e também agora a Lisboa por causa das malas; Zé Eduardo, digo, andava sempre atrás de mim, mas quando me via subir os degraus da Arcada, pedia-me para ficar cá fora. Ele tinha razão e eu dizia-lhe que sim. Cá fora é mais bonito.

Também estive no Supremo Tribunal de Justiça. À Justiça não se pede nada. A Justiça não pode dar nada. Mas pode tomar conta de qualquer erro para o qual se lhe chame a atenção. Os homens erram.

Zé Eduardo, que tinha seguido na véspera de Coimbra, estava à minha espera na Portela de Sacavém. Eu andava um nadinha preocupado em ter dado aquela ordem, por me ter ao depois lembrado, que ele ficava sozinho, no hotel, desde as sete da tarde até as dez da manhã do dia seguinte. Zé Eduardo sozinho em Lisboa! Mas não houve perigo, felizmente. Padre Manuel em Coimbra, dera-lhe o dinheirinho à certa e o rapaz tinha dez tostões na algibeira quando me encontrou na Portela; tendo-me declarado que se eu não tivesse vindo no avião da manhã, ele não tinha dinheiro para me vir esperar ao da tarde. Boas notícias me deu o Zé Eduardo. Viva o P.^o Manuel!

Fomos dormir ao Tojal. Esperavam-nos para jantar. Depois de havermos comido a sopa, nota-se grande banzé no refeitório. Que foi? Que havia de ter sido? Foi o Ernesto. O Ernesto é o cozinheiro. Tem sempre alguma para me fazer quando ali vou. De uma vez foi laranjas; tomei-as por doces e eram azedas! De outra vez foi a terrina da sopa; tiro a tampa para me servir e dentro estava uma galinha viva com as pernas amarradas! Desta, foi o cão. Um grande cão da serra que eles lá têm, muito lindo e muito meigo, ao qual cingiram um avental e uma carapuça branca, levantam-lhe as patas dianteiras, colocam sobre elas a travessa e assim entram no refeitório — dois rapazes de cada lado e o servente no meio! O cozinheiro não aparece; fá-las e esconde-se!

Este Ernesto vale um mundo, pela ternura da sua história. Não sabe quem é. Não sabe de onde é. O nome que tem foi-lhe dado no

baptismo que lhe conferimos sob condição.

É um dos fundadores da casa do Tojal, para onde foi transferido da de Paço de Sousa.

Uma coisa que não está certo, nem condiz com os usos e costumes observados nas casas de educação, é a maneira de tratar o senhor director. Mais. O fundador. Eu acho um abuso. No Tojal é assim e nas outras casas que nós temos, corre tudo da mesma sorte. Eu acho um abuso, torno a dizer, e peço aqui ós senhores educadores que não olhem para aquilo que a gente diz nem para aquilo que a gente faz. Desta maneira, não ficará nunca prejudicada a ordem mai-la disciplina que eles dirigem em seus estabelecimentos. Bem fazem os directores de casas de educação, em não permitir que o documentário da nossa aldeia entre lá; iria alterar a ordem e os interesses!

Crónica do Lar do Porto

As nossas eleições

Ao falar em eleições é preciso não confundir com as eleições dos «grandes», porque se todas elas fossem como as nossas, o mundo não estaria tão desorganizado.

As nossas eleições são simples, não é preciso que os quarteis estejam de prevenção, porque entre nós não há partidos somos todos uma família. A nossa Obra é «pelos rapazes», por este motivo todos os anos no mês de Janeiro temos eleições, em todas as casa é eleito um chefe. Esse chefe que pela maneira de cumprir os seus deveres e pelo seu bom comportamento é eleito pelos rapazes.

No Lar do ex—Pupilo em Coimbra, as eleições são livres, porque são todos homens; mas nas restantes casas são escolhidos dois ou três dos melhores comportados, que de entre os mais ficará como chefe, aquele que tiver mais votos. No Lar do ex—Pupilo de Coimbra é o chefe quem admite e expulsa os rapazes, quando as circunstâncias assim o permitem. Muitas vezes quando é necessário haver algum tribunal, não é preciso que Pai Américo esteja presente, porque o chefe é o seu representante.

Nas outras casas também há-de ser assim, porque se a nossa Obra é de rapazes, nós os mais velhos e especialmente os chefes, temos como obrigação de pensar, um pouco, na frase «pelos rapazes» porque essa nos obriga a ter uma certa responsabilidade.

A missão do chefe é um pouco espinhosa, porque ele tem que ser o primeiro a dar o exemplo no cumprimento dos seus deveres. Dentro da Obra da Rua o chefe não é somente aquele que manda e castiga; mas sim, principalmente, aquele que serve os seus companheiros naquilo que eles necessitam.

Muitas vezes o chefe vai á cozinha pôr um avental, para no refeitório servir os seus rapazes e também, por vezes, é o chefe que vai junto do nosso Pai Américo, falar-lhe das necessidades dos seus companheiros.

Esta sim; é a verdadeira missão do maioral dentro das nossas casas.

O cronista—CARLOS

Não sei que tristeza me invadiu quando há dias, estando no Tojal, tive ocasião de entrar nas dependências da casa agrícola e de saber que os operários tinham deixado a obra. Padre Adriano começou a alicerces no mês de Junho der radeiro e até quis vêr cair a primeira pedra no dia em que por ali passeia caminho do Brasil. Trata-se de uma casa de dois pisos adequada aos rapazes do campo, que nela se não-de instalar. O risco do arquitecto é de muito bom gosto. O material é da região. A obra impõe-se.

Já foi dito neste jornal, que a Casa do Gaiato de Lisboa há-de vir a bastar-se por amor da quinta. Já hoje é uma considerável fonte de receita; nós mandamos carradas de hortalíça para a praça de Lisboa, mas a mão de obra é estranha. Temos que pagar aos homens que fabricam a terra. Não é mal nenhum. Damos trabalho. Semeamos alegria. Mas o programa é um nadinha forçado. Não é bem isto que se pretende. A seu tempo havemos de ser todos em tudo. Nós a plantar e a colher. Nós a vender na praça por nossa conta e risco. Nós a fazer contas e a dar contas:—Obra de rapazes rara rapazes pelos rapazes.

Não sei que tristeza me invadiu a alma! Padre Adriano subia comigo os andaimes interiores. De onde estávamos, víamos perfeitamente a imensidade dos terrenos.

Chusmas de pequeninos apanhavam azeitona. Grandes canteiros das mais variadas hortalíças, davam-nos garantia de produção; e a obra da casa agrícola tinha parado! O meu companheiro desenrola a planta diante dos meus olhos pecadores e explica com intimo enlevo as suas dependências. Etava ali tudo que diz respeito á saudável habitação de quarenta trabalhadores. Ao pé deste facto, está a quinta imensa e úbere, aonde eles hão-de trabalhar. Ao pé deste facto, está a necessidade inadiável de recuperar pelo trabalho, agora, os que amanhã podem causar sérios trabalhos. Juntinho a estes três factos, estávamos nós ambos, robustos e sádios, homens de boa vontade e de recta intenção, sérios e honestos, humildes obreiros do Evangelho, pela misericórdia de Deus. Estava tudo, só os operários é que não. Tinham-se ido embora. Paramos com as obras por falta de dinheiro!

Ninguém pode dizer com verdade que começamos a edificar e não soubemos ir até ao fim; ninguém. Mas podemos nós acusar o mundo que pode; e acusamos. Nós não somos construtores de deleites nem de apetites. Ali está a quinta. Ali estão os rapazes.

Ali a necessidade de os fazer trabalhar. Coisas á vista factos concretos. O momento obriga. Nós somos construtores do Bem Comum.

Notícias de Coimbra

1 Já vieram livros para todos os nossos alunos que frequentam o ensino primário. Atendendo ao nosso pedido o Senhor Albano Chaves mandou-nos tudo o que era preciso. Também uma senhora que leu o nosso jornal também mandou alguns livros pelo correio pró Bucha. Outra Senhora que foi ao meu emprego a perguntar o que era preciso pró Bucha e foi-nos comprar e trouxe-nos tudo novo. A todos estes benfeitores somos muito obrigados.

2 Há dias foram as costureiras fazer um retiro perto de Lisboa; nesse mesmo dia o Senhor Padre Manuel foi para Miranda. Ficou a casa entregue aos rapazes. O pinguinho ficou entregue à cozinha e ao refeitório e o Figueiredo à rouparia e outros ficaram entregues às obrigações da casa.

Todos eles deram conta da sua obrigação.

3 No dia 9 passado realizou-se um desafio de futebol entre «Os Gaiatos de Coimbra» e os Académicos de Sant'Ana, que principiou ás 15 horas no campo de (Santa Cruz).

Os Gaiatos alinham—Porto, Inácio e Ernesto; José Carvalho, Carlos Alberto e Pinguinho; Leiria, Alfredo, Bucha, Carlos e João Carlos—Os Académicos foram os primeiros a marcar por Negrão jogador dos Júniores da A. Académica.

Só passados 15 minutos é que

nós marcamos o golo do empate por João Carlos. O desafio terminou com os grupos empatados a uma bola. Do nosso grupo destacaram-se Carlos Alberto e Porto-e do adversário (Negrão)

4 Os rapazes que andam na continuação de estudos são: Carlos Inácio anda no 3.^o ano do Liceu anda a estudar no Colégio Pedro Nunes. José Eduardo anda no 2.^o, anda no mesmo Colégio. Carlos Alberto anda no 2.^o Industrial. João Carlos e Ernesto andam no 1.^o ano Comercial. Os três últimos andam a estudar na aula nocturna na Escola Comercial e Industrial de Brotero.

5 A venda do nosso jornal «O Gaiato» tem estado fraca como tudo, quanto diz respeito a negócios. Como acabou a venda na Figueira da Foz só vendemos em Coimbra. Os rapazes saíram de manhã, logo a seguir ao café e voltaram à noite. Venderam 293 jornais e tiveram 106\$10 de acréscimos.

6 A Delegação da M. P. Coimbra por intermédio do centro n.^o 10 do Colégio Pedro Nunes, ofereceu pano para fardas da Mocidade a dois dos nossos rapazes que frequentam esse Colégio. Muito agradecidos estamos ao Snr. Delegado Provincial da M. P. de Coimbra e bem assim ao Director do Centro n.^o 10 do Colégio «Pedro Nunes».

ERNESTO PINTO

UMA CARTA

TRABALHO A nossa Tipografia

Tudo tão simples, o que lá se diz... nem literatura a mais, nem citações inúteis, nem tratados de pedagogia — apenas o Evangelho, que ensina tudo, que previu tudo, que nos cobre a todos com a sua maravilhosa capa de Misericórdia, de Caridade e de Amor. E estas palavras andam tão longe do sentido fundo que Deus lhes deu...

Fala-se muito de Misericórdia, mas a propósito de lotaria ou, quando muito, dos subsídios que lá se pedem e se dão; a Caridade, desde que a levaram a chás e salões elegantes, de envergonhada, escondeu-se ainda mais; o Amor, tratam-no demasiado em romances para poderem vê-lo os homens puro, limpo e simples, como ele é ao sair do Coração de Jesus. Assim andam, lado a lado, numa trágica mistura, a vã futilidade dos que vão na onda e o santo ardor dos que lutam com ela.

De resto, isto tem de ser, dizem, e sempre assim foi, dizem também; mas eu tenho saudades de S. Francisco...

Queria vê-lo voltar, apagado e humilde, no seu manto pobresinho e glorioso; queria ouvi-lo e sentir crescer em mim o Amor de Deus e das suas criaturas.

Tudo é bom, desde que seja puro. A vida foi-nos dada como um dom, em que se incluem muitos pedacinhos de azul e ouro, para gozarmos. Tudo nos é permitido, afinal, menos pecar.

Mas há lá coisa mais maravilhosa do que a dádiva dessa vida em que, lícitamente, podíamos ter tudo, ao Senhor que no-la deu? Há lá coisa mais maravilhosa do que dar tudo a quem tudo nos deu?

Tenho 25 anos, saúde, alegria e amo a vida com todo o entusiasmo, mas sinto, sei, que tudo isto é nada comparado com a riqueza infinita que todos temos de podermos ficar pobres, pobres zinhos por amor de Deus.

P. S.—Não pensa em juntar à tipografia uma oficina de encadernador? Gostaria que respondesse a isto no Gaiato, porque em caso afirmativo, eu esperaria que ela trabalhasse para serem gaiatos a encadernar os meus gaiatos; teria o sabor da fruta colhida da árvore, assim...

Isto sim. Isto são cartas de publicar. Nós precisamos; o Mundo tem fome desta doutrina e sente-se mal por ir procurar alimento noutras fontes.

Tudo tão simples diz a carta. É assim mesmo. Tudo quanto é simples agrada necessariamente. Simplicidade é onipotência. A seguir vem a caridade e a misericórdia que os homens fabricam e despacham. Grande carta. Grande doutrina. Grande coração.

Depois, as saudades de Francisco de Assis—o Pobresinho Glorioso. Noutro dia, ao passar numa cidade, mostraram-me uma casa que os franciscanos haviam comprado recentemente, para residência particular deles. Para eles, sim; para Francisco de Assis não. Ele nem sequer ali entraria, quanto mais residir!

Uma vida de 25 anos escondida em Lisboa, de onde a carta me veio;

Era de uma vez um asilo que fechou por ordem superior e eu fui solicitado para receber um rapaz que alificara, por não ter quem o quizesse. A carta do Governador Civil daquela terra, não era o costumeado ofício sêco e pêco, a bem da nação. Não era não senhor. Tratava-se de um homem de coração, que sentia e tinha pena. Disse que sim. O ex-asilado veio na companhia de um polícia. De figura não prestava, por isso ninguém o quis; era um mono como se diz na gíria comercial.

Isto foi há uns quatro anos. O rapaz fez o seu exame e serviu em todas as secções dos nossos trabalhos, só empregado é que não. Nunca tentamos procurar-lhe um emprego.

Chegou a tipografia e o Jacinto foi perguntado se gostaria de ser tipógrafo. Que sim. Entrou na turma dos impressores. Trabalha com uma das «minervas». Todo ele é zelo e atenção. Apenas eu entro, o rapaz mostra-me o trabalho em mão e aponta a letra pequenina, à esquerda do serviço, que diz *Tipografia da Casa do Gaiato*. E' com os olhos que me fala, a dizer isto é que marca. Não há trabalho que o encarregado lhe entregue, que o Jacinto me não procure aonde quer que eu esteja, de olhos a arder, —isto é que marca. Não se importa de perder tempo enquanto não dá comigo. Não se importa do encarregado, nem tem medo de ninguém. Maior é o seu zelo. Maior o seu entusiasmo; isto é que marca. Aquele isto, é a tipografia da Casa do Gaiato.

O mono. O Jacinto era um mono, no conceito e opinião dos que foram buscar ao asilo todos os mais rapazes! Por outras razões, todos quantos trabalham hoje na nossa tipografia, eram monos. Não davam rendimento, por isso ninguém os queria. Mas quize-mo-los nós e hoje todo o mundo os quer. Todos quantos nos dão trabalho dizem por isso mesmo que querem estes monos.

Quem vier à nossa aldeia, acha grandes reformas. O edificio das oficinas, encontra-se quasi todo ao serviço da tipografia. Alfaiates e sapateiros, foram corridos. Só ficou o António carpinteiro, mas não será por muito tempo. Instalou-se Avelino com o seu estado e é ali a Redacção do famoso.

Júlio, fez de outra grande sala armazém de papel e o seu escritório particular. Eu que já antes era nada, agora não sou ninguém; é tudo Júlio e Avelino. Anda a aldeia cheia destes nomes.

Os senhores não tenham medo e dê-mos trabalho. Trabalho prá frente. De Castelo Branco, gabaram muito um serviço que tinha ido e pediram mais. O Júlio, ao chegar há dias de fazer entrega de um trabalho, disse-me: *encantados. Ficaram encantados e deram mais, -olhe*. E mostrou um rôr de modelos. O mesmo Júlio, foi chamado a uma terra muito longe, muito longe daqui, para tomar conta de traba-

uma vida assim, da matéria para um acto de fé. Fé divina. Fé no poder e na presença de Deus.

Até ao P. S. da carta se pode dar aqui resposta, pela forma como está encastado.

Sim. Aguarde mais algum tempo; estamos a tratar do negócio da encadernação.

Eram dez da noite. Alguns dos pequeninos trabalhadores ainda se encontravam a dobrar folhas de um serviço urgente. Entrei na ampla oficina. Lâmpadas de cem velas enchiam-na de luz, —mas havia ali outra luz...! Aproximei-me do grupo; estavam seis deles. Dez horas da noite.

Olhei para o relógio. Olhei para eles; Tão tarde...! Não tenha pena da gente. Era um deles. Um que me tinha lido na cara o que ia no meu peito.

Não tenha pena. Nós andávamos por lá sem ter aonde dormir e agora vamos daqui direitinhos para a nossa cama.

Aqui há tempos, veio uma carta de alguém, aonde acusava a recção de um serviço e dizia que o tinha beijado:—Eu beijo os trabalhos aí executados.

Eis a moeda com que se pagam os trabalhos da nossa tipografia. Nós andávamos por lá sem ter aonde dormir. E' daqui que vem o alvoroço das almas,

Não há nada maior no mundo do que a flor de onde o homem nasce!

E do Porto com meia ração. E um filho de provinciano. com 40\$00. E Lisboa por uma doente da Amadora. E meia dose. E meia dose; são do Porto. E 140\$00 de Anadia do meu aumento do ordenado. Dar algum do que lhe sobra, é um dever social. Dar do que faz falta, é toque de Deus.

E o Bombarral. E Valongo. E Catumbela; Africa. O Gaiato anda por lá. E Coimbra com 20\$00. E meia ração do Chinde. Chinde também é Africa.

Mais meia. Mais um quinto de Lisboa. Mais metade de Castelo Branco. E Chamusca. E uma jóvem Lisboaeta. E Um a valer por cinco. E Lourenço Marques. E o Porto com 40\$00.

E da Covilhã. E uma jicista a valer por dez. E esta carta:

Avizinha-se o Natal. Com os desejos para que seja cada vez menor o número de crianças sem lar e para que, em Portugal e no mundo, seja cada vez maior o número de homens de paz e de boa vontade, o pessoal da Diligência da Guarda Nacional Republicana na Base Aérea n.º 4—Ilha Terceira, envia-lhe a impor-

lhos de responsabilidade. Responsabilidade, pois. Estamos actualmente ocupados com duas minervas e a máquina do jornal, num trabalho que envolve 20 contos. E mais. E mais. E mais. Os senhores não tenham medo.

Já metemos mais dois rapazes na impressão, para a secção de brochuras; metemos mais um na composição e mandamos dois aprender o ofício de encadernador. Os senhores não tenham medo.

Trabalho sim. Tem vindo. Há-de vir sempre. E' a Justiça que assim pede. A verdade reclama. O Amor quer.

Ontem no Porto, enquanto paramos para meter gasolina, vem um senhor dizer, pela janela do Morris, que a nossa obra é dos bons e dos maus. Dentro estavam Júlio e Sérgio. Gostei que eles tivessem ouvido aquela exclamação, para amarem como deles, uma obra que é deles. Dos Bons e dos Maus! Não há maus. Se fossem maus, não amavam.

Há mas é desgostosos. Há ressentidos. Há inocentes mal tratados pelos homens. Isto sim. Disto é que há. Maus,—não.

tância de 914\$00 para «A Nossa Tipografia», que segue em vale do correio, e que afinal, bem modesta é, em face da grande Obra.

São os pequenos. Os remediados. Os que repartem no fim do mês o pão da família. São eles. A alma do munhão está no povo, pròque veja-se mais esta carta:—

Caro senhor, a receber o meu jornal, de Alvelo, lembre-se que já se via de ter vendido o dinheiro, mas nunca mais se podia renovar a minha parte para a tipografia, pois como sou operário e tenho a trabalhar por horas, não posso mais hoje mandar a minha prestação de Alvelo, até ao mês de 1949.

3400... 11+00... 263.600\$00

Mais.

Uma quete feita em uma casa comercial do Porto, deu 500\$00 e trás a legenda; é dos nossos companheiros de trabalho. Os Remediados. Maldito seja quem engana o povo!

E do Porto mil escudos que deu um senhor pouco antes de morrer.

Heranças não. Ontem foi o dia em que pela primeira vez houve ocasião de escrever num documento público: a Obra da Rua não pode receber heranças.

Aquilo escandalizou. Anda o escândalo a correr seus trâmites. O Evangelho é escândalo. Assim tem de ser. E' por aqui que se conhece o sinal da obra. O Evangelho é O escândalo. Mas eu fico aonde estou; mortalhas não. E sufraguei no altar da nossa capela, a alma do Senhor que em vida se lembrou de nós. Mais um visitante na marca. Mais um dito. E mais nada.

Até á data . . . 258.500\$00
Hoje 5.100\$00
263.600\$00

Quando a gente chegar aos trezentos, vêm a faltar só duzentos. Que ninguém desanime. Eu também cá vou.

Notícias da C. do Gaiato de Miranda

1 Há dias vieram cá uns senhores visitar a nossa casa e jantaram cá e deram-nos umas bolas de vidro para a gente brincar, e prometeram uns patins e uma caneta de tinta permanente ao servente da mesa que era o Manuel Ferreira. E há duas semanas veio isso e mais alguma coisa. E a gente temos andado algumas vezes, mas é cadá trambolhão que a gente dá!!...

2 Entraram mais dois rapazes para a nossa Casa um era da Serra da Boa-Viagem e o outro era da Bemposta. O da Serra da Boa-Viagem andava na 3.ª classe e o outro ainda não tinha andado em nenhuma. Mas passado poucos dias vieram buscar o da Serra da Boa-Viagem. Mas não fez mal cá virem buscá-lo, porque há mais de cinquenta rapazes para entrarem mas não há lugares para eles.

3 As terras da nossa quinta estão todas semeadas. Umas de erva para o boi, e para as ovelhas. E outras com favas e hortaliças. Nunca tivemos tantas couves como este ano e tão lindas, mas os cozinheiros estragaram quase um couval todo, porque iam às couves de noite.

4 O Snr. Padre Manuel disse-nos há dias quando acabasse a safra que iam começar a fazer o nosso campo de futebol e já lá andam três homens a trabalhar. Já há equipa completa, camisas, calções, meias, e choteiras, que ficaram em mais de dois contos de reis. Os distintivos já estão prontos e estão muito lindos. Só nos faltam as joalheiras, mas isso depressa se arranjam. Vieram duas bolas do Brasil; uma mais pequena e outra maior. A mais pequena é para Miranda e a outra é do Zé Eduardo. Vieram visitar-nos uns senhores que nos prometeram uma bola e agora estamos à espera dela; não sabemos se eles se esqueceram de nós.

5 Uma Snra. de Tábuas, um lugar perto de Nossa Senhora da Piedade, mandou-nos lá ir buscar laranjas para comermos às merendas. Como no ano passado os nossos irmãos de Lisboa nos mandaram um caixote de laranjas podres, nós não ficamos nada contentes. Se este ano resolverem mandar não as mandem podres, porque senão tornamos a mandá-las pelo o mesmo caminho.

6 Aqui há dias o Snr. Padre Manuel chamou o Humberto Pequeno, o Buarcos e o Jorge para irem ao tribunal por causa de estragarem um couval dos mais bonitos que temos. O Snr. Padre Manuel contou-nos uma história sobre os bárbaros que eram três povos formados: por Alanos, Suevos, e Vandalos, que roubavam e destruíam povoações. E assim ficaram os três cozinheiros, com nome de bárbaros, por estragarem o couval.

A nossa Conferência

No dia 27 de Novembro de 1949 reuniram-se os rapazes da Conferência de S. Vicente de Paulo da Casa do Gaiato sob a presidência do nosso assistente e do nosso presidente. Rezaram-se as orações iniciais, e em seguida fez-se a leitura Espiritual pelo livro: O Manual das Conferências do qual lemos alguns trechos. Levamos aos nossos pobres pão e batatas, quando não podemos levar batatas, levamos arroz ou massa. Nós não podemos levar mais nem menos. Mas o que podemos;—Seguiu-se o inquérito dos pobres: O presidente perguntou a todos os Confrades como tinha sido a sua visita aos nossos pobres. Nas Miãs o ceguinho pediu-nos um pouco de açúcar e o outro não está nada melhor. já está quase

Isto é a Casa do Gaiato

DOCTRINA

Continuação da 1.ª pág.



Um pequenino fidalgo visitante, quis dar a mão ao Manel Risonho.

ONTEM à noite, o Risonho veio ao meu escritório pedir o assobio. Como os senhores sabem, eu tinha-lho confiscado há tempos, cansado de o ouvir tocar. Ele tra-lo ao pescoço suspenso de um baraço, daí as frequentes tocadelas, seja aonde fôr. Ora eu tinha-lho confiscado.

Mas o rapaz não pode sofrer por mais tempo, e veio-me pedir. Também eu não podia sofrer por mais tempo, e dei-lho. As nossas vontades em matéria de assobios andavam sempre encontradas. Encontradinhas.

Daí a nada, já se ouvia pela casa toda o toque estridente; ele tra-lo ó pescoço.

Já quis fazer um contrato com o Risonho; ele dava-me o assobio em troca de uma

há duas semanas de cama. No Corvo, a pobre, debaixo, pedi-nos uns tamancos, porque vem aí o Inverno, não tem nada para calçar. Como não havia mais nada a tratar fez-se a Colecta que rendeu 25\$60 e encerrou-se a reunião com as orações habituais.



Morreu-nos mais uma pobre da nossa Conferência; desta vez foi a velhinha do Carapinha. Sofria muito do coração. Quando nós lhe íamos levar a esmola estava sempre rezar pelos Beneficentes. Tinha um filho que não se importava com ela, só às vezes é que lhe dava uns molhos de lenha para ela fazer o comer. Tinha a casa sempre limpa, assim é que nós gostamos. Foram dois confrades chamar o Snr. Prior para a Sacramentar, mas ela tinha-se Confessado à pouco tempo, e talvez não precisasse. No dia seguinte fez-se o funeral ao qual foram três confrades acompanhá-la até ao cemitério de Miranda. Deus a conserve para toda a eternidade.

O cronista: ANTÔNIO GIL

deliciosa maçã. O rapaz não aceitou! Só me resta uma esperança; é que algum dos companheiros lho roube. Vamos a ver.

O Julio, numero um da tipografia, deliberou retirar de dentro das oficinas e colocar fora da porta, o caixote das aparas de papel. São fitas interessantes, que a guilhotina faz, algumas de várias cores. Até aqui muito bem. O caixote era realmente um estorvo. Fora da porta, ficava muito melhor. Porém, aonde houver cachopos há sempre o imprevisível. Ontem, domingo, às tantas da tarde, fui dar com o pavimento das avenidas estremado de fitas. Tinham sido os Batatas. Os Batatas deram no caixote e o resto já se sabe...

À noite, houve um tribunal furioso; Eram quatro réus e outros tantos cúmplices. Eu fiz um grande sermão, mas como tenho razões para duvidar da eficácia das minhas palavras, fui pelo seguro e disse ó Julio para deixar estar o caixote aonde estava.

Mas não ficam por aqui os acontecimentos. Hoje de manhã, à hora em que os artistas despegam, saíam dois deles com sapatos de papel: eram o Luís Barbeiro mai-lo Valete, ambos compositores. E' o trio disseram-me eles, quando os interroguem. E caminham de sapatos para o refeitório. Fiz outro sermão, desta vez ao encarregado. Vamos a ver. A gente nunca sabe o que está para sair, desde que dá ao rapaz a facilidade de se estender e de se encolher; nunca se sabe. E é necessário dar-se-lhes todas as facilidades para assim eles nos dizerem quem são. O nome da ficha não diz nada; são nomes.

CHAMOU-SE mais um para a tipografia. E' o Barros. Está na brochura. Para a futura encadernação mandamos rapazes aprender fóra.

Barros era ajudante do refeitoreiro dos grandes. O trabalho não o matava e Barros, apenas notava os rapazes a sair da escola, apresentava-se imediatamente no meio deles, a botar o pião. Por algumas vezes lho caçei, outras tantas mo pedia e outras lho tornava a dar. Agora não. Barros entra e sai a horas, E' colega do Zé da Lenha. Já lhe forneceram um trepo da carpintaria, para ele chegar às coisas. O Pai está debaixo de ferros: a mãe arrumou-se e deixou os filhos. Temos cá quatro deles. Nós gostamos de ter o que o Mundo engeita. Nós amamos de preferencia o que não presta. Nós queremos um mundo novo, sim,—mas com a doutrina velha. A do Sinai. A da Montanha. A dos Papas. Esta sim e só esta é doutrina.

O Botas tornou-se a descuidar. Andavam hoje de manhã os refeitoreiros com pratos de sal, à roda das mesas: O' coisa, queres? Todos diziam que sim. Quis ouvir a opinião do refeitoreiro chefe e ele deu-ma: foi um descuido. Não assanhou. Eles dão-se todos bem.

Havendo pão todo o mundo tem razão. Ora nós temos pãozinho graças ós Senhores do Ministério da Economia.

HOJE ando cheio de sorte. Cheinho. E' tudo ós quinhentos. Era o Risonho. O Risonho a ciceronar. Na verdade, naquele domingo, ele apresentou por duas vezes sua nota de quinhentos. Nunca tão risonho como então. Dava gosto ouvi-lo: ando hoje cheio de sorte.

Quis saber se tinha sido algum sermão. Não senhor; Não tinha sido sermão nenhum. O pregador de sermões é outro; é o Presidente. Todos gostam muito de mim, foi a explicação que Risonho deu do êxito daquele dia.

NÃO sabia que tão depressa me havia de alegrar com a tristeza do Risonho; roubará-m-lhe o assobio!

Hoje de manhã, ao lusco-fusco, encontrava-me eu na capela. Gosto daquela hora. Preciso daquela hora. Nós todos temos muita necessidade daquela hora. Nem ela as coisas não andam. Felizes os que têm no peito isto que aqui se diz. Pois estava eu, quando o Risonho abre a porta e vem direitinho a mim: roubará-m-me o assobio!

Era escuro dentro da capela. Para mim não preciso de luz. Nem estava a contar com a visita; mas a candeia de azeite que sempre se encontra acêza embora a distância,

uma voz soluçada, humilde, confiante: Peça a todos os rapazes que me perdoem mais uma vez. E entramos no refeitório...

Isto faz tremer os gonzos do mundo. Ao ser assim apertado, bem pudera este mancebo ter-me respondido, como já três deles, em várias ocasiões, fizeram, declarando-me na cara que não precisavam da Obra para coisa nenhuma, e com esta se foram embora. São horas amargas. São horas que jamais esquecem. Tenho-as presentes na mente e os seus nomes no coração. Sei as datas em que se foram e o sítio onde mo disseram. São três. Deus sabe que não há forças humanas que possam resistir, por isso mesmo me tem poupado a elas. Este de hoje, não fez assim. Outros, também duramente castigados, têm cumprido com docilidade. Choram. Pedem perdão. Compreendem. Amam.

Eu tinha dito que o segredo da nossa vitória é dar aos rapazes o gosto de chamarem à Obra sua, por se sentirem no que é deles, e o caso que acabo de narrar é um documento. A justiça é a fonte de toda a moralidade. A justiça obriga ao cumprimento do dever, sem modos coercivos. A justiça reduz as almas a um silêncio voluntário e amoroso. Se este rapaz antes amava os seus companheiros, muito mais agora os ama. Agora obriga-se. Agora deseja cumprir. Eu tenho-o visto desde aquele domingo, muito mais atinado. Vamos dizer que se está operando em sua alma uma transformação radical? Não senhor. Não se espera tanto. Só a vontade forte dos que Deus escolhe, é capaz de cooperar com a graça. Mas a verdade é que o faltoso deu uma lição. Os que o acusaram, também deram uma lição. A nossa Obra vai-se assim tornando cada vez mais mestra, por haver dentro dela SO um Mestre,—Nosso Senhor Jesus Cristo.

dava em cheio na face do roubado e deixava ver plenamente a sua grande aflição: roubará-m-me o assobio. Eu queria-me rir. Rir muito e muito alto, mas o lugar e a hora impediam. Limitei-me a perguntar discretamente como tinha sido feito o roubo e também quis saber aonde é que ele o tinha deixado. O Risonho não o tinha deixado em parte nenhuma; deitara-se com ele ao pescoço e de manhã viu-se roubado. Anda na aldeia investigação. Havendo alguma novidade eu conto.